



PATOLOGIA NEUROLÓGICA

(vista por um paciente)

FERDINANDO FREGA

*« Uma clínica cura os pacientes. Uma comunidade de cuidado sustenta as
pessoas. »*

I. Patologia neurológica

Todos temiam perder o coração.

Durante séculos, o coração foi considerado o centro da vida, a sede dos sentimentos, da força e da coragem. Quando o coração parava, tudo terminava.

Depois, a humanidade começou lentamente a compreender que existia outro soberano. Silencioso. Invisível. Absoluto. O cérebro.

Bastava observar as famílias, os amigos, os conhecidos, a passagem das gerações e a chegada da doença para compreender uma verdade simples: o cérebro governa tudo. Cada movimento. Cada palavra. Cada lembrança. Cada esperança.

Quando o cérebro se altera, não sofre apenas uma parte do corpo. Sofre todo o sistema humano.

Por muito tempo, a resposta foi o medo. As pessoas afetadas por distúrbios neurológicos eram isoladas, escondidas, muitas vezes pouco compreendidas e ainda menos ajudadas. As famílias enfrentavam sozinhas um fardo enorme. O conhecimento médico era limitado, e as estruturas dedicadas quase inexistentes.

Parecia uma batalha fadada a ser perdida. Depois chegou o tempo da compreensão.

A humanidade compreendeu que não enfrentava casos isolados, mas um dos grandes desafios da própria existência.

Parkinson. Alzheimer. Doenças degenerativas. Lesões neurológicas. Traumatismos. Doenças raras. Afecções congênitas.

Nomes diferentes para uma mesma realidade: a fragilidade desse órgão que governa cada função das nossas vidas.

A partir daquele momento, a neurologia deixou de ser uma mera disciplina médica. Tornou-se uma responsabilidade coletiva.

A patologia neurológica não bate à porta. Entra na vida das pessoas e muda as regras do jogo.

II. Por quê?

Para explicar o que significa viver com uma afecção neurológica: o corpo que não responde; os limites; a dependência; a perda de autonomia; a redefinição da normalidade.

Não a doença. A vida em torno da doença. A vida em torno dos outros.

Quem carrega o fardo quase nunca é o paciente. O paciente muitas vezes luta sem compreender por completo o campo de batalha. Quem permanece por perto, por outro lado, vê o tempo mudar de forma, aprendendo que cada dia ganho vale mais que as grandes promessas.

A patologia pode alterar o caminho. Não pode apagar o valor da pessoa.

O amor é a parte essencial disso, para além de qualquer mera conquista — e ninguém saberá jamais o que será dele.

Eu passei por isso: um transtorno bipolar, de grau indefinido, que no fim se revelou não ser mais que uma hipervigilância infantil causada pela minha mãe que, seguindo o velho ditado «pancadas e bolinhos fazem crianças bonitas», me encheu de tapas e ligou o equalizador no meu cérebro.

Compreender as coisas antes que aconteçam — mas não sou mago, nem homem santo, nem operador de milagres.

E, ainda assim, perto de quem sofre — depois de perder minha mãe e meu pai para o Alzheimer, e perguntar: mas quem é este? Eu não o conheço.

III. Epílogo

Uma clínica é um edifício. Uma comunidade de cuidado é algo mais.

É o encontro diário entre pessoas que sofrem, pessoas que acompanham, pessoas que cuidam, e pessoas que escolheram assumir a responsabilidade de construir um lugar onde a esperança possa se transformar em método, compromisso e possibilidade.

Estas páginas não falam de um edifício. Falam das pessoas que passam por ele. Todos os dias.

IV. Página do autor

Esta obra não foi encomendada. Não foi vendida. Não foi realizada com fins comerciais.

Foi escrita para dar testemunho do valor da reabilitação, da dignidade humana e da relação entre as pessoas.

O único preço pedido é um dólar simbólico — não como pagamento da obra, mas como testemunho de um compromisso compartilhado com uma cultura do cuidado, da esperança e da responsabilidade.